

# VIOLÊNCIA NA ESCOLA: ÉTICA, PODER E CIDADANIA

Sueli Barbosa Thomaz<sup>1</sup>

## RESUMOS

Este texto é parte integrante de uma pesquisa etnográfica desenvolvida numa escola pública fundamental. Buscou-se um olhar e ouvir atento de modo a apreender no cotidiano da escola o seu lado patente (oficial, a norma, a luz) e o seu lado latente (a vida, as sombras), no que se refere às práticas da violência no espaço escolar. A ideia de violência tem por base os conceitos de “violência totalitária”, “violência anômica” e/ou “violência banal” cunhados por Maffesoli. Acredita-se que a violência, presente no cotidiano da escola, tem comprometido a formação do cidadão, pela exacerbação do poder e pelo desprezo da ética, enquanto querer-viver social embora apresente uma função estruturante através da relação de força, de potência, de poder e de vida.

Violência- Escola- Cidadania

Este texto es parte integrante de una investigación realizada en una escuela pública fundamental. Se buscó con un mirar y un oír atentos a modo de captar en el cotidiano de la escuela el lado patente (lo oficial, la norma, la luz) y su lado latente (la vida, las sombras) en lo que se refiere a las prácticas de violencia en el espacio escolar. La idea de violencia está comprometida con los conceptos de "violencia totalitaria", "violencia anónima" y/o "violencia banal" acuñados por Maffesoli. Se cree que la presencia de violencia en el cotidiado de la escuela ha comprometido la formación del ciudadano, por la exacerbación del poder y por el desprecio a la ética, visto como un querer-vivir social, no obstante esté presente una función estruturante a través de la relación de fuerza, de potencia y de vida.

*Violencia –Escuela- Ciudadano*

This text is part of an ethnographic research developed in a basic public school. An attentive looking and listening was searched, so as to apprehend in the everyday life of the school its patent side (official, the rule, the light) and its latent side (the life, the shadows), concerning the practices of violence within the school space. The idea of violence is involved with the concepts of “totalitarian violence”, “anomic violence” and/or “banal violence” coined by Maffesoli. It is believed that the violence, present in the school’s everyday life, has been jeopardizing the citizen’s formation, through the intensification of power and through despise of ethics as a social wanting-living although it shows a structuring function through the force, potence, power and life relationship.

Violence –School- Citizenship

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação e Professora Adjunta da Universidade do Rio de Janeiro/UNIRIO

## INTRODUÇÃO

A violência está presente no dia-a-dia de cada um de nós. Existe uma violência explícita por todo o país. Isso não é diferente na escola brasileira. Não se trata apenas de uma violência denominada simbólica, teoria defendida por Bourdieu e Passeron, mas de uma violência real, que vem sendo desenvolvida por uma cultura da violência.

A indisciplina, que, de um maneira ou de outra, sempre existiu na escola, vem ganhando um novo vulto pela inobservância da partilha de responsabilidades, cooperação, solidariedade, convivência, abrindo espaço para a agressividade, a indiferença, o desrespeito, numa clara ausência da alteridade, no sentido de perceber o *Outro*, como seu semelhante, dotado dos mesmos sentimentos e emoções.

Nesse sentido, pretendo lançar os seguintes questionamentos:

A violência está ligada à incapacidade organizacional da escola em estabelecer um modelo de ordem?

A violência que ocorre no cotidiano da escola é um complexo espelhar da sociedade e, portanto, não pode ser resolvida nos limites dos muros da escola?

A escola, na sua prática pedagógica, apresenta-se sob a égide do poder, cultivando o medo e gerando a cultura da violência?

Tentando refletir acerca dessas questões, através de uma pesquisa etnográfica numa escola fundamental, com um olhar, ouvir e escrever

atento, foi possível apreender como a violência está presente, no portão, nas quadras, no refeitório, nos corredores e nas salas de aula da escola.

## **A DINÂMICA DA VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DA ESCOLA.**

### **A pesquisa**

Preocupada com a violência que ocorre na escola, a orientadora educacional de uma escola municipal lançou o Projeto: ***A VIOLÊNCIA NO NOSSO DIA-A-DIA***. Apresentou como justificativa o fato de hoje estarmos vivendo num mundo onde a violência começa a mostrar-se cada vez mais imperativa em todos os setores da nossa vida, deixando pais, professores e a sociedade de uma maneira geral, inseguros e preocupados com a segurança e com o futuro das crianças. Lembrou que a escola, neste momento, aumenta sua responsabilidade no que se refere a conscientizar, educar e preparar os alunos para essa dura realidade. Nesse sentido, ressalta a orientadora: *sentimos a necessidade de desenvolver um trabalho que leve o jovem a reconhecer a violência em suas diversas faces, entendendo que sua aplicação nos leva à vulnerabilidade, ao castigo e à solidão.*

O Projeto trazia em seu bojo os seguintes objetivos:

- Reconhecer um ato de violência em todos os setores da vida;
- conscientizar o aluno de que a violência sempre leva a conseqüências trágicas, não só à vítima como ao agressor;

- analisar as possíveis causas que levam o indivíduo a praticar um ato de violência;
- entender que o ser humano é passível de erros e acertos e tem de aprender a respeitar as diferenças individuais e
- discutir sobre punição e impunidade e suas conseqüências.

Considerou que poderiam participar do desenvolvimento do Projeto: o professor da sala de leitura, o regente de turma, o orientador educacional, o orientador pedagógico, a direção e demais funcionários da escola.

Com relação à avaliação do projeto, deixou sob a responsabilidade de cada turma avaliar o trabalho desenvolvido em sala e sugeriu redações, cartazes, desenhos, dramatizações.

O que de fato ocorreu é que apenas uma professora da escola dinamizou o Projeto, utilizando, papel, caneta, cola, tesoura; os alunos, registraram o que pensam sobre a violência na escola. Orientados pela professora e reunidos em grupos, apresentaram quatro tipos de violência: visual, física, verbal e contra o patrimônio.

Foram algumas das denúncias dos alunos:

- 1 - Violência Visual: paredes riscadas, pichadas.
- 2 - Violência Física: brigas, brincadeiras estúpidas, agressões aos colegas, brigas na sala de aula, no recreio.
- 3 - Violência Verbal: palavrões.
- 4 - Violência contra o patrimônio: alunos quebram as janelas, as mesas, as cadeiras, o quadro de giz, os ventiladores, os vidros, as descargas, as bicas.

Tais denúncias foram escritas em cartazes e fixados no pátio coberto da escola. No dia seguinte, estavam rasgados, confirmando tudo que fora denunciado pelos alunos.

A violência que ocorre no dia-a-dia dessa escola é visível não do ponto de vista de grandes agressões, mas de pequenos fatos: durante os jogos, as brincadeiras, os conflitos entre os alunos; ou ainda nas relações entre alunos e professores e entre alunos e funcionários .

As pichações existentes dão a noção certa do tipo de vida vivida no interior da escola. Pichações que funcionam como correio, que apresentam mensagens que vão da declaração de amor ao convite às drogas.

Sabem os alunos que as pichações são transgressões, que não são aceitas dentro do convívio social. O que os educadores parecem não perceber é que elas têm servido como aliviador de tensões, de conquista de espaço, de marcar o território, como um Deus, com um código, um segredo lido e compreendido por poucos. É o estabelecimento do indecifrável através dos estilos de linguagem, dos signos, dos símbolos, dos emblemas e das alegorias.

Há uma prática no sentido de usar o espaço mais difícil de acesso, com melhor visualização, elaborado por um artista “maldito” e uma “maldita” tinta que enfeia e transgride o visual da escola.

O que se pode perceber é que há um vínculo grupal entre os diferentes grupos de pichadores, um código de ética que não é compreendido pelos educadores, e que, se descoberto e trabalhado pelo levantamento das vivências, poderia contribuir para melhoria das relações sociais.

Nesse aspecto, a escola deixaria de ser unicamente transmissora do saber acumulado e preparadora para o mundo exclusivo do trabalho, semelhante ao que Bernstein (1971) denomina de “cultura instrumental”, passando a dar conta também da formação do homem complexo, através da antropolítica pensada por Morin (1990).

Um segundo ponto colocado pelos alunos foi a violência física, os maus tratos que sofrem. As mais variadas agressões são comuns na entrada, no pátio, nos corredores, nas filas, na porta da sala dos professores e até nas salas de aula: socos na cabeça, nas costas, pontapés, rasteiras, boladas, que ocorrem ora em clima de brincadeira, ora em clima de seriedade. Há uma tendência do menino construir e exibir sua masculinidade, a ser o mais forte, o mais temido, o mais respeitável.

Encontrando, nessa escola, um ambiente propício, uma vez que ficam parte do tempo sem nenhum controle e orientação, os alunos fazem as suas próprias leis de convivência. Quando alunos extrapolam com brigas intermináveis no pátio, recebem a interferência do porteiro, dos faxineiros, todos advindos da companhia de limpeza urbana, ex-garis e coletores de lixo, que, usando de uma agressão semelhante, desapartam as brigas, através de apertões nos braços, nas orelhas e de fortes sacudidelas nos alunos.

Quando as agressões ocorrem nas salas de aula, muitas das vezes, a professora parece fingir que não vê, sentada em sua mesa, corrigindo deveres, passando tarefa no quadro de giz ou até mesmo lendo revistas. Só depois do ocorrido, quando os alunos reclamam e avisam à professora, é que algo é feito como um pito, levar para a sala do diretor, deixar de costas

para a turma, ficar sem recreio e até pedir a presença dos pais, que não comparecem, representando um outro tipo de violência, a violência autorizada, a violência de quem detém o poder.

Não estão a escola nem as professoras preocupadas com as relações sociais, com a ética do viver social (MAFFESOLI, 1984), voltadas que se encontram para o ensinar e o aprender os conhecimentos que permitirão aos alunos alcançarem a série ou o ciclo posterior e a manterem a fama de escola forte.

As agressões físicas são acompanhadas das agressões verbais, que os alunos declaram apenas entre eles, mas é um fato que se dá também via funcionário e professores.

Entrevistei alunos que, quando perguntados sobre as professoras que mais gostavam e as que menos gostavam, explicando o motivo, declaravam que há professoras que os chamam de animais, que denominam a sala de zoológico, que eles são sujos, fedorentos e burros.

Um dia, visitando os corredores da escola, ouvi uma professora dirigir-se assim aos alunos: ***estou de saco cheio de vocês, se não querem vir à aula fiquem em casa, não venham me infernizar.***

A quebra da parte física da escola é notória, cadeiras amontoadas nos cantos, em salas de coordenação que se transformaram em depósitos, vidros quebrados, portas arrombadas, armários sem portas, ventiladores quebrados, banheiros sem descarga, com pias sem torneiras e quadro de giz pichados. Fazem parte do triste cenário da escola.

Toda essa violência levantada pelos alunos, mas claramente perceptível aos olhos, pode ser considerada de várias maneiras.

## Compreendendo a questão da violência

Segundo Maffesoli (1987), existem três modalidades de violência: a **totalitária**, a **anômica** e a **banal**. A **totalitária** é consequência do monopólio da estrutura dominante: Estado, partido, organização. A **anômica** que é uma resposta à violência, à dominação dos poderes instituídos, revoltas latentes que ocorrem ocasionalmente, inscreve-se entre a destruição e a reconstrução, entre ordem e desordem, que reprimida pode explodir em crueldade. Há sempre negociação, adaptação. A **banal** caracteriza-se pela passividade ativa, não se integra ao instituído, mas se opõe a ele. Subverte o poder através da submissão aparente, não recusa, porém não arrebatada. Utiliza a máscara, o silêncio, a fachada, a zombaria, os grafites e as pichações.

Pode-se situar a violência levantada pelos alunos dessa escola, como uma violência anômica, ao mesmo tempo que banal em função da tentativa de controlar tal violência e nas resistências que apresentam através da palavra, das discussões, do silêncio, sem assumir uma posição aberta, forte, mas sem recusa ao fato, ao mesmo tempo que convive com os grafites, as pichações e as depredações.

Lembra Balandier (1997) que a violência pode tomar a forma de uma desordem contagiosa, dificilmente controlável, de uma doença da sociedade que aprisiona o indivíduo e, por extensão, a coletividade, num estado de insegurança que gera o medo.



Por outro lado, o vandalismo lança-se sobre as coisas, os instrumentos, os lugares a fim de destruí-los, sujá-los, torná-los inutilizáveis e que tudo isso é ritualizado, significando a ruptura de um laço social frágil, um culto à desordem, uma cultura da violência. É preciso, no dizer de Balandier (1997 p. 36) : *deixar o campo livre à desordem, para que a ordem reavivada surja de uma sociedade provisoriamente falsa, pervertida, aparentemente desgovernada*. Ou, ainda, lidar com a desordem em vez de tentar eliminá-la. Maffesoli (1987 p.22) coloca que a destruição se inscreve no jogo do poder e da potência. Que a violência desempenha uma função de ligação ou de indicador. A “violência social”, como simbolização da força, vivida e coletiva e ritualmente, assegura a coesão e o consenso; a “violência sanguinária” se manifesta, quando há impossibilidade de simbolização, ou quando esta é imperfeita e significa o retorno do reprimido.

Ainda, para esse autor (1987), o poder surge pelo enfraquecimento da força coletiva, estando sempre presente no corpo social, na dinâmica social, com desejo de submissão, não se manifestando espontaneamente. Há, no poder, uma aprovação da ordem. É a arte de governar: aplicar um sistema de forças ao outro.

Nesse sentido, Maffesoli (1987) une poder-potência, ao acreditar que desse confronto nasce a socialidade. Refere-se à potência ou violência social. A potência social é um conjunto de elementos (força, coletivo, diferença) que funcionam bem em sua articulação, e só, quando se desviam desse funcionamento, é que tendem a se distinguir, e sua articulação (potência) pode tornar-se objeto de comentário e investigação. O poder bloqueia o

jogo da ambivalência social, enquanto a potência remete ao pluralismo, à diversidade do real.

No caso retratado pelos alunos, há a violência do ponto de vista da potência (alunos depredando a escola, agressões mútuas e pichações) e do poder (violência dos poderes instituídos) tornando-se marginalizado, uma vez que diante da potência é muito frágil.

O poder tem procurado combater essa violência institucional, trancando com chaves as portas das salas e fazendo de cada professor o responsável por ela. Colocando grades nas janelas, mantendo os portões fechados, como se a violência estivesse fora dos muros da escola. É comum a qualquer hora encontrar a diretora ou o responsável pela escola, portando um molho de chaves.

Pode-se através do simbolismo da chave (CHEVALIER,1993), que significa abertura e fechamento, perceber toda uma dinâmica do poder, do chefe, do responsável, do que detém o poder de decisão e a responsabilidade. Poder esse que se enfraquece frente à potência (força coletiva) de desrespeito, destruição e agressões.

À medida que a escola trabalha o Projeto Violência, abre espaço, para repensar tanto o poder como a potência, não no sentido de grades, portas, portões, cadeados, mas criando práticas alternativas capazes de um melhor viver social.

O Projeto Violência, enquanto uma prática pedagógica, foi importante para a integração dos grupos, buscando assegurar a ordem, regulando comportamentos, mesmo que restrito a um grupo de alunos.

Essa escola não estimula as práticas ritualizadas formais como a entrada dos alunos em fila, cantar os hinos, hastear bandeira, usar uniformes, esperar sua vez para falar, adentrar a sala de aula em ordem, com isso, abre espaço, para que os alunos criem os seus próprios ritos, com inversões de papéis, de costumes, que, de um modo praticamente inconsciente, clama pelo advento de uma ordem, de respeito, de dedicação e de carinho. A violência física, corporal parece clamar pelo desejo de contato com o outro, de comunicação, de mostrar: estou aqui, existo, olhe para mim.

Desse modo, a alteridade tende a ser vivida mesmo que sob a guarda do empurrão, do chute, dos socos. Numa analogia às brigas de galos em Bali descritas por Geertz (1989), afirmo que não são os alunos que brigam entre si, mas a grande briga que ultrapassa e adentra os muros da escola, é a luta pela vida, pela sobrevivência, pelo espaço, num país que não garante condições de vida digna dentro e fora da escola.

A violência que se expressa na escola está acompanhada da pobreza vivida pelos alunos, do desinteresse e do despreparo dos professores, da falta de visão de gestão democrática da escola. A exigência perversa do Banco Mundial (**violência totalitária**), tanto no que se refere ao âmbito financeiro quanto ao técnico, está ligada à política de considerar a educação como instrumento fundamental, para promover o crescimento econômico e a redução da pobreza, desprezando a formação do homem, o respeito ao semelhante e o convívio social.

Como impedir que a violência adentre a escola, se a própria escola é violentadora dos direitos e dos deveres dos alunos? A escola não valoriza o

pensar, o sentir e o agir dos alunos, aquilo que eles mais mais gostam, que lhes dão mais prazer.

O espaço da sala de aula é rígido e autoritário, como autoritária é a figura do professor preocupado em transmitir e cobrar conhecimentos prontos. Fala-se em construtivismo, em respeito ao desenvolvimento psicológico da criança, mas o que é respeitado é a seqüência do livro didático, distribuído pela FAE.

A riqueza do espaço do recreio, da recreação através da brincadeira, do prazer, da alegria, da satisfação, é desprezado, e é ele o grande cimento que ainda mantém a escola viva. Carentes de espaços, em função de viverem em áreas montanhosas como morros, favelas, de não terem opção de lazer, as crianças vêm para a escola, com a roupa que faz parte do imaginário do prazer, e não do imaginário da ordem, que solicita a escola, não efetuando cobranças, deixando de perceber que as normas não são respeitadas, obedecidas.

A violência existente nessa escola e nas demais representa um certo papel, precisando ser negociada e vista como manifestação maior do antagonismo existente entre a vontade e a necessidade, num confronto de valores, pois a luta é fundamento, o elemento estrutural do fato social, de qualquer relação social, como lembra M. Weber (apud MAFFESOLI, 1987). Ela não é um fenômeno único, está repleta de valores, é uma fonte de vida, de luta. É a energia que faz “funcionar” a escola.

A crítica de que a escola é violenta, parece desconhecer que a escola sofre todo um processo diário de violência através da hierarquia do poder: o Banco Mundial, o Ministério da Educação, O Conselho Nacional de

Educação, a Secretaria Municipal de Educação, os Diretores, os Coordenadores, os Orientadores, os Professores, os Serventes, as Merendeiras, num processo que é ritualizado a cada momento, um poder controlador e construtor da realidade cotidiana da escola.

Isso leva-nos a crer que a violência tem uma dimensão construtiva, uma ação estruturante para a organização da escola, no sentido de rever os mecanismos de poder, de hierarquização.

A escola, sendo uma organização complexa, não pode descuidar-se dos ruídos, da desordem, sob o risco de permitir o amplo desempenho da anomia, no sentido atribuído por Durkheim (1925), como ausência de normas, e a conseqüente criação de uma nova estrutura educacional. Entretanto precisa estar atenta entre a ordem e a desordem, pois o que pode parecer violência dentro da escola é uma tentativa de desorganizar a rigidez imposta pelas normas estabelecidas, é uma maneira de auxiliar a ordem (MAFFESOLI, 1987).

## **BIBLIOGRAFIA**

BALANDIER, Georges. *A Desordem. Elogio do Movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BERNSTEIN, B. ELVIN, H.L. & PETER, R.S. *Les Rites Dans L'éducation*. Paris: Gallimard, 1971

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

DURKHEIM, E. *Les formes élémentaires de la vie Religieuse*. Paris: Alcan, 1925.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

MAFFESOLI, Michel. *A Conquista do Presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

\_\_\_\_\_. *A violência totalitária*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

\_\_\_\_\_. *Dinâmica da Violência*. São Paulo: Vértice, 1987

MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Paris: Instituto Piaget, 1990.

## **DADOS DO AUTOR**

### **Sueli Barbosa Thomaz**

Professora de Administração, Planejamento Educacional e Dinâmica e Organização do Ensino da Universidade do Rio de Janeiro- UNI-RIO.

Mestre em Administração de Sistemas Educacionais, pela Universidade Federal Fluminense- UFF.

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Endereço: Rua Salomão Vergueiro da Cruz, lote 19, quadra 66, casa  
1501. Piratininga – Niterói- Rio de Janeiro CEP  
24.350.120.

Telefone: 21- 2619-3719

Telefone fax: 21-2 619- 6833

Email sthomaz @ nitnet.com.br